

ANTROPONÍMIA EM LÍNGUA DE SINAIS:

OS SINAIS-NOME EM FLORIANÓPOLIS-SC, BRASIL

ANTHROPONYMY IN SIGN LANGUAGE: SIGN-NAMES IN FLORIANÓPOLIS-SC, BRAZIL

Alexandre Melo de Sousa 1

Gláucia Caroline Silva de Oliveira 2

José Sinésio Torres Gonçalves Filho 3

Ronice Muller de Quadros 4

Resumo: Este artigo tem por objetivo principal analisar os sinais-nome de surdos da Grande Florianópolis/SC quanto às taxonomias motivacionais propostas por Barros (2018) com relação a taxas, subtaxas e infrataxas para a análise dos sinais-nomes. Partimos da seguinte questão: Em Libras, quais os elementos motivacionais mais utilizados no ato de nomear pessoas e de que modo isso reflete as características da cultura surda? Para responder tal questionamento, utilizamos 34 entrevistas com surdos disponíveis no Inventário de Libras de Santa Catarina, Grande Florianópolis, do Projeto Corpus/Libras da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Este artigo é composto por quatro sessões: a primeira trata sobre o ato de nomear em línguas orais e em línguas de sinais; a segunda definiu as taxonomias em línguas de sinais, a partir das propostas de Supalla (1992), Wild (2017) e Barros (2018); a terceira apresentou a descrição do Inventário de Libras da Grande Florianópolis; e a última sessão fez uma análise dos dados coletados. Tal análise revelou a predominância das motivações de Natureza Física na nomeação dos nomes dos surdos.

Palavras-chave: Sinais-nome. Motivação. Taxonomias. Inventário de Libras. Florianópolis.

Abstract: This paper aims to analyze the name signs of deaf people from Florianópolis/SC (BRAZIL) regarding the motivational taxonomies by Barros (2018), which are taxes, subtaxes and infrataxes for the analysis of name signs. We have asked the following question: In Libras, what are the most commonly used motivational elements in naming people and how does this reflect the characteristics of deaf culture? To answer this question we have analyzed 34 deaf people from Santa Catarina Libras Inventory, from the Federal University of Santa Catarina (UFSC) Corpus/Libras Project. The article is composed of four following sessions: naming in oral and sign languages; defining the sign language taxonomies, based on Supalla (1992), Wild (2017) and Barros (2018); describing the Greater Florianópolis Libras Inventory; analyzing data. The results revealed the predominance of Physical Nature motivations to name signs of deaf people.

Keywords: Name signs. Motivation. Taxonomies. Libras Inventory. Florianópolis.

Universidade Federal do Acre. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-2510-1786>. Email: alexlinguista@gmail.com | 1

Universidade Federal do Pará. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-5607-5835>. Email: gcoliveira@ufpa.br | 2

Universidade Federal Rural da Amazônia. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7680563782494980>. Email: sinesiofilho@hotmail.com | 3

Universidade Federal de Santa Catarina. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-5152-8716>. Email: ronice.quadros@ufsc.br | 4

Introdução

O ato de nomear carrega relação intrínseca entre linguagem, realidade, cultura e as diferentes formas de percepção de um povo ou comunidade. Na comunidade surda o ato de nomear é fortemente influenciado pela experiência visual. Neste contexto, o presente artigo objetiva analisar os sinais-nome de surdos da grande Florianópolis quanto às taxonomias motivacionais propostas por Barros (2018) com relação a *taxes, subtaxes e infrataxes* para a análise dos sinais-nomes. Partimos da seguinte questão: em Libras, quais os elementos motivacionais mais utilizados no ato de nomear pessoas e de que modo isso reflete as características da cultura surda? Para responder tal questionamento utilizamos 34 entrevistas com surdos disponíveis no *Inventário de Libras de Santa Catarina, Grande Florianópolis*, projeto Corpus/Libras da UFSC.

O artigo é composto por quatro sessões: na primeira tratamos sobre o ato de nomear em línguas orais e em línguas de sinais; na segunda definimos as taxonomias em línguas de sinais, a partir das propostas de Supalla (1992), Wild (2017) e Barros (2018); em seguida, descrevemos o Inventário de Libras da grande Florianópolis; e por fim, analisamos os dados coletados – foco do presente estudo.

O ato de nomear em línguas orais e em línguas de sinais

Nomear pessoas, coisas, eventos, sentimentos etc. é uma atividade humana (BIDERMAN, 1998, 2001) considerada como etapa inicial do “percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo” (BIDERMAN, 1998, p. 13). O homem, no ato de nomeação, categoriza e organiza o universo que o cerca. Assim, como bem explica Biderman (1998, p. 88), a nomeação é resultado do processo de categorização.

Entende-se por categorização a classificação de objetos feita por um sujeito humano, resultando numa única resposta a uma determinada categoria de estímulos do meio ambiente. A categorização supõe também a capacidade de discriminação de traços distintivos entre os referentes percebidos ou apreendidos pelo aparato sensitivo e cognitivo do indivíduo (BIDERMAN, 1998, p. 88).

Desse modo, ao distinguir os traços que individualizam as entidades (seres, objetos, espaços etc.), o homem estrutura o mundo do qual faz parte, por meio de atos sucessivos de cognição da realidade e, conseqüentemente, gera o léxico das línguas naturais (BIDERMAN, 2001, p. 13). Contudo, é preciso destacar que:

O processo de cognição e de apropriação do conhecimento assumiu formas distintas conforme as culturas, ou seja, os sistemas lexicais das numerosíssimas línguas naturais (vivas ou mortas). Visto como as palavras etiquetam modos de cognição seria de esperar que todos os sistemas semânticos das línguas naturais tivessem certos aspectos formais em comum. Entretanto, as línguas constituem sistemas semânticos muito distintos e variados. A conceptualização da realidade configura-se linguisticamente em modelos categoriais arbitrários não coincidentes. As categorias linguísticas não são nem coincidentes, nem equivalentes, embora possamos admitir que as línguas naturais tenham tipos de semântica universalmente compreensíveis (BIDERMAN, 1998, p. 92).

Portanto, por haver processos categoriais distintos nas diversas culturas, podemos afirmar que o léxico de uma língua é o resultado da experiência coletiva, constituindo, assim, “um patrimônio vocabular de uma dada comunidade linguística”, “um tesouro cultural abstrato, ou

seja, uma herança de signos lexicais” (BIDERMAN, 2001, p. 14) em que se encontram os nomes próprios de pessoas e lugares.

Quanto às nomeações de pessoas e lugares, mais especificamente, de acordo com Dick (2000, p. 246), é preciso considerar as controvérsias inerentes ao estudo no campo da linguagem, especialmente no que diz respeito ao seu estatuto linguístico, uma vez que, os nomes de indivíduos e de espaços geográficos estão localizados, sincronicamente, no sistema do próprio código (ou seja, mais geral) e no sistema onomástico (mais específico).

Segundo Seabra e Isquerdo (2018), a Onomástica é uma disciplina linguística, situada na área da Lexicologia, dividida em dois ramos: Antroponímia e Toponímia; e esclarecem:

Ambos usam nomes próprios como foco de estudo: o primeiro, Antroponímia, trata os nomes das pessoas - os nomes próprios dos indivíduos, os nomes dos pais ou sobrenomes e os apelidos. Em contrapartida, a segunda, Toponímia, é a área da Onomástica que investiga o léxico toponímico, através do estudo da motivação e origem dos nomes próprios dos lugares¹ (SEABRA; ISQUERDO, 2018, p. 993).

Ainda que estejam situados numa categoria específica de conhecimento, Dick (2000, p. 246) esclarece que os nomes próprios (antroponímicos ou toponímicos) estão submetidos aos mesmos processos estruturais (de combinação e/ou mudança) dos demais lexemas e devem ser categorizados em concordância com os demais fenômenos do léxico geral. Os nomes próprios, segundo a pesquisadora em tela, fazem referência a experiências de domínios diversos por parte dos nomeadores, estando, portanto, sujeitos a mudanças conceituais tanto no âmbito “intra-código” quanto “extra-código”. Assim explica Dick (2000):

É nesse ângulo que se revela, de modo mais explícito, a forma pela qual o grupo gerador do designativo manifesta seu entendimento quanto à percepção do real e à qualidade do dado recebido, garantindo, ao mesmo tempo, a simultaneidade da geração dos processos gramaticais e da elaboração dos sociofatos. Estes suportes sociais, a que denominamos referentes onomásticos, são, de fato, modelos capazes de assumir a função de marcadores semânticos ou elementos significativos do meio/núcleo retratado (DICK, 2000, p. 246-247).

Assim, fica evidente que no designativo próprio de pessoas e lugares há um componente semântico intimamente ligado ao referente que nomeia. São traços que se ligam às mais diversas fontes motivadoras que age no ato de nomear: para pessoas, por exemplo, uma homenagem a outros familiares, a artistas, a santos/santas ou figuras bíblicas; para lugares: características geográficas do lugar, personalidades históricas importantes para o lugar, símbolos da cultura local, homenagens a políticos, entre outras. Esses aspectos são discutidos, também, por Sousa e Dargel (2020), que dão relevo ao caráter interdisciplinar dos estudos onomásticos.

Inúmeros estudos tratam dos fenômenos onomásticos em línguas orais: seja quanto à natureza motivacional, seja com relação ao caráter etimológico ou estrutural. Com relação às línguas de sinais os fenômenos são os mesmos?

As línguas de sinais e as línguas orais, embora coexistam socialmente, são indepen-

¹ Both use proper names as the focus of study: the first, Anthroponymy, treats people's names – the proper names of individuals, the parental or last names, and the nicknames. By contrast, the second, Toponymy, is the area of Onomastics that investigates the toponymic lexicon, through the study of motivation and origin of the proper names of places.

dentos. As línguas de sinais apresentam uma gramática (sistema linguístico) própria, sistema linguístico abstrato, como qualquer língua natural, capaz de estabelecer comunicação e ser analisada em todos os níveis: fonético-fonológico, morfossintático, semântico-pragmático, textual-discursivo etc, sendo produzidas a partir da modalidade visual-espacial. Como explicam Quadros & Karnopp (2004, p. 51): “os articuladores primários das línguas de sinais são as mãos, que se movimentam no espaço em frente ao corpo e articulam sinais em determinadas locações nesse espaço”. E é no referido espaço, localizado à frente do corpo, que geralmente² são produzidos os sinais, os enunciados e os textos em línguas de sinais.

Quanto a ato de nomear, Supalla (1992), logo na introdução de sua obra *The book of Names Signs – Naming in American Sign Language*, faz a seguinte observação:

Nomes e nomenclatura são uma daquelas coisas que muitos nos dão como garantidos. Embora tenha havido uma pesquisa extensa sobre a nomeação feita ao longo dos anos, ainda há muitas questões teóricas deixadas sem resposta. Uma pessoa poderia fazer qualquer coisa sem ter um nome? Qual seria a sensação de ser uma pessoa sem nome? Poderia uma cidade funcionar se todos os seus cidadãos não tivessem nomes? Como um barbeiro poderia conversar com seus clientes sem fazer referência a outra pessoa? Certamente, suas conversas seriam limitadas!³ (SUPALLA, 1992, p. 13).

Ora, como parte integrante de uma sociedade e usuários de uma língua natural, os sujeitos surdos utilizam também sistemas de nomeação. Como o próprio autor destaca, os nomes e as nomeações são essenciais para os processos de socialização em todas as culturas do mundo, mesmo que cada uma tenha seu próprio sistema de composição estrutural dos nomes e suas próprias regras de uso (SUPALLA, 1992).

Na Língua de Sinais Americana (ASL), segundo Supalla (1992, p. 7-8), há dois sistemas básicos de sinais de nomeação: o *arbitrário*⁴ e o *descritivo*⁵. O primeiro é formado pela letra inicial do nome da pessoa e o segundo, baseado em alguma característica pessoal do indivíduo. Na época do referido estudo havia uma preferência pelos sinais-nomes arbitrários. Wild (2017), em estudo mais recente sobre os sinais-nome em ASL, aponta que os sinais descritivos estão ficando mais usuais. A autora destaca, ainda, os diferentes elementos motivadores evidenciados no ato de nomeação: sejam características físicas, sejam características comportamentais.

Na mesma linha de pensamento, Barros (2018) desenvolveu um estudo pioneiro sobre os sinais-nome utilizados em Goiânia-GO, no qual contou com 113 informantes, surdos e ouvintes. O foco da pesquisadora brasileira foi apresentar uma proposta de taxonomia antroponímica nas línguas de sinais a partir das contribuições de Supalla (1992) e Wild (2017).

Taxonomias antroponímicas em línguas de sinais: a proposta de Barros (2018)

Como afirmamos anteriormente, Barros (2018) apresenta uma proposta para a classificação taxonômica para os sinais-nome, ou seja, os nomes de pessoas em línguas de sinais. Parte do princípio que “qualquer sinal-nome é criado em concordância com as regras linguísti-

2 Alguns sinais são produzidos utilizando como locais de articulação o espaço neutro (a frente do corpo) ou outros espaços como a cabeça, o braço, o abdômen, etc.

3 Names and naming are one of those things that many of us take for granted. Although there has been extensive research on naming done over the years, there are still many theoretical questions left unanswered. Could a person function without a name? What would it feel like to be a nameless person? Could a town function if all its citizens had no names? How could a barber talk to his customers if he could not make reference to another person? Certainly, their conversations would be limited!

4 Arbitrary Name Sign (ANS) System.

5 Descriptive Name Sign (DNS) System.

cas da língua de sinais utilizada pela comunidade surda” (BARROS, 2018, p. 02); e alerta, ainda, que os sinais-nome não possuem, como regra geral, uma relação direta como o nome da pessoa em língua oral – embora possa haver casos de empréstimos da língua oral. Barros (2018) além de fundamentar seu trabalho nos estudos de Supalla (1992), agrega também Stokoe, Casterline e Croneberg (1965); Souza Júnior (2013) e Wild (2017).

Sobre Stokoe, Casterline e Croneberg (1965), Barros (2018, p. 5) destaca que partiu dos referidos autores o reconhecimento de que os sinais-nome compõem um subsistema da ASL ao constatarem que “fonologicamente, esse grupo de sinais pode se comportar de maneira diferente dos demais sinais dessa língua, pois pontos de articulação que não são distintivos na ASL podem o ser nesse subsistema”. Outro destaque da autora, diz respeito à proporção superior em ASL de sinais “que utilizam configurações de mão que representam letras do alfabeto”. Este aspecto, como destaca Barros (2018, p. 5), foi precursor do que Supalla (1992) observou mais tarde e classificou como *signal-nome arbitrário*.

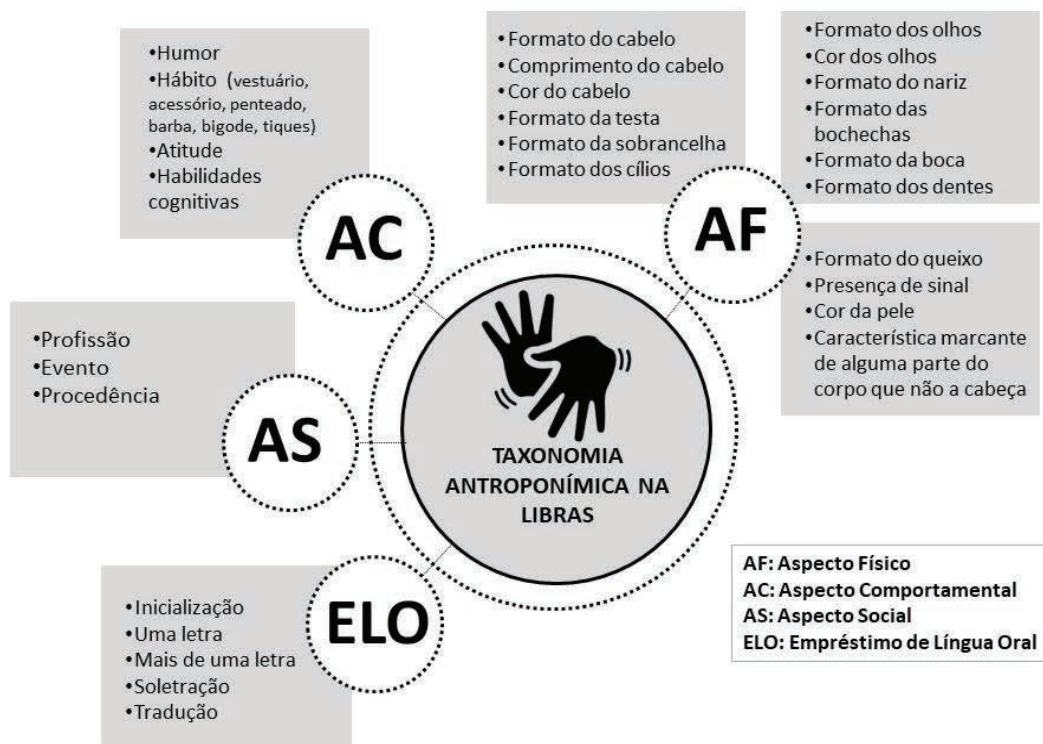
Quanto ao trabalho de Souza Júnior (2013), Barros (2018) observou as adaptações taxonômicas apresentadas pelo pesquisador, que por sua vez, teve como base os estudos de Dick (1980) que propôs taxonimias para nomes de lugares (topônimos) em línguas orais. Souza Júnior (2013), por sua vez, revisa a proposta de Dick e busca adaptá-la às línguas de sinais. Segundo Barros (2018, p. 4), o estudo toponímico de Souza Júnior em Libras abre a possibilidade “de uma taxonomia antroponímica nessa língua, uma vez que os sinais-nomes são criados de maneira sistematizada e seguem padrões de regularidade observáveis, passíveis de identificação e classificação”.

O trabalho de Wild (2017), por sua vez, segue a linha já proposta por Stokoe, Casterline e Croneberg (1965), no que se refere às restrições fonológicas para a composição dos sinais-nome. Para Barros (2018), é importante ressaltar as observações que Wild faz sobre os sinais-nome descritivos, cujas criações são motivadas por traços proeminentes do ser nomeado, sejam de origem física (cicatriz, bigode, formato do cabelo etc), sejam relacionado à personalidade, à profissão etc.

Com base nas contribuições dos autores supra-citados, Barros (2018, p. 10-6) propõe uma classificação taxonômica para os sinais-nome em Língua Brasileira de Sinais. A pesquisadora criou *taxes* e *subtaxes* com base, inicialmente, em seu conhecimento pessoal sobre a língua, e, em seguida, realizou estudo empírico para comprovação e exemplificação das classificações propostas. Barros (2018, p. 10-11) explica que para construir esta proposta taxionômica antroponímica das línguas de sinais “foi preciso identificar os elementos constitutivos dos sinais-nomes, descrever cada um deles, nomeá-los e, por fim, categorizá-los em *taxes* e *subtaxes* criadas para este campo de conhecimento”.

Os sinais-nomes em Libras, segundo Barros (2018), podem ser divididos em quatro *taxes*: a) *Empréstimo de Língua Oral* (ELO), *Aspecto Físico* (AF), *Aspecto Comportamental* (AC) e *Aspecto Social* (AS). Cada uma dessas quatro *taxes* são divididas em *subtaxes*, conforme Figura 01, a seguir:

Figura 01: Taxonímia antroponímica em Línguas de Sinais proposta por Barros (2018): *taxe* (AF, AC, AS e ELO), *subtaxe* (●) e *infrataxe* ().



Fonte: Elaborada pelos autores.

As *subtaxes* alocadas na categoria ELO (*Empréstimo de Língua Oral*) correspondem aos sinais-nomes cujas criações foram motivadas pelo nome do indivíduo em língua oral: *Inicialização*: a configuração de mão indica a letra inicial do nome da pessoa (podem ser duas letras quando se tratar de nome composto); *Uma letra*: a configuração de mão indica qualquer letra do nome da pessoa (desde que não seja a letra inicial); *Mais de uma letra*: a configuração de mão indica mais de uma letra do nome da pessoa, podendo incluir a letra inicial; *Soletração*: a configuração de mão indica todas as letras do nome da pessoa soletrado; *Tradução*: a configuração de mão indica a tradução do nome em língua oral, por exemplo, Leão, é usado o sinal LEÃO.

Na *taxe* AF (*Aspecto Físico*), as *subtaxes* destacam características físicas do indivíduo nomeado. A maior parte das *subtaxes* faz referência a aspectos localizados na cabeça (*Formato do cabelo, Cor do cabelo, Comprimento do cabelo, Formato da testa, Formato da sobrancelha, Formato dos cílios, Formato dos olhos, Cor dos olhos, Formato do nariz, Formato das bochechas, Formato da boca, Formato dos dentes, Formato do queixo*), outras características podem estar na cabeça ou em outras partes do corpo (*Presença de sinal, Cor da pele*) ou ainda outra *Característica marcante de alguma parte do corpo* (magra, alta, gorda, falta de algum membro etc.).

Quanto à *taxe* AC (*Aspecto Comportamental*), as *subtaxes* fazem referência aos sinais-nomes “idênticos ou semelhantes a termos da língua de sinais que expressam estado de humor, habilidade cognitiva ou característica comportamental” (BARROS, 2018, p. 15) do indivíduo nomeado, sendo a *subtaxe* hábito a única que apresenta *infrataxe*. São quatro *subtaxes*: *Humor* (traços como sorriso, nervosismo etc.); *Atitude* (características como grosseiro, ágil, educado etc.); *Habilidade Cognitiva* (inteligente, ingênuo etc.) e *Hábito*, que se subdivide em quatro *infrataxes*: *Tipo de Vestuário* (costuma usar gravatas, vestido curto etc.), *Acessórios* (costuma usar óculos, brinco grande etc.), *Penteado ou Barba/Bigode* (o indivíduo usa barba fecha-

da, bigode etc.); *Tiques* (o indivíduo nomeado costuma passar a mão no cabelo, alisar a barba etc.).

Na *taxe AS (Aspecto Social)* são apresentadas três *subtaxes* que fazem referência a acontecimentos ou práticas sociais: *Profissão* (sinal-nome representa a profissão ou ocupação do indivíduo nomeado), *Evento* (sinal-nome faz referência a algum acontecimento marcante, como um acidente) e *Procedência* (o sinal-nome faz referência à cidade onde o indivíduo mora ou nasceu).

Barros (2018), após descrever e categorizar os sinais-nomes coletados de 113 informantes de Goiânia concluiu que a maioria dos sinais analisados é formada pela combinação das *taxes* Empréstimo de Língua Oral (ELO) e Aspecto Físico (AF) representando 58% dos sinais-nome analisados.

No presente estudo utilizou-se o mesmo procedimento metodológico proposto por Barros (2018) tendo como base o *corpus* gerado a partir do Inventário de Libras da Grande Florianópolis – que descrevemos a seguir.

O Inventário de Libras da grande Florianópolis

Quadros (2016) destaca a importância de constituir uma documentação da Libras que alcance duas propósitos essenciais: difusão das línguas e manutenção das línguas⁶ - propósitos que estão diretamente relacionados também à revitalização da Libras, especialmente porque a partir do Decreto 5.626, a Libras passou a estar presente nos mais diversos espaços brasileiros: espaços educacionais, mídia, espaços sociais mais amplos. Assim, o Inventário de Libras objetiva:

[...] constituir um *corpus* da Libras abrangente e consistente, bem como sistematizar os procedimentos de registro, documentação e recuperação de dados e meta-dados relativos à Libras. Além disso, especificamente, objetiva a difusão, visibilidade, valorização e instrumentalização de políticas linguísticas relacionadas a essa língua (QUADROS, 2016, p. 161).

O referido projeto apresenta várias propostas de documentação em âmbito nacional, como: a) *Inventário de Libras de Santa Catarina da Grande Florianópolis* – que “compreende um *corpus* de Libras e o levantamento demográfico dos usos dessa língua na região”; b) *Antologia de Poesias em Libras* – que “compreende o *corpus* de produções poéticas em Libras”; c) *Libras Acadêmico* – que “inclui um levantamento das produções de textos acadêmicos em Libras no escopo do Curso de Letras Libras, de 2006 e 2009, que compreende 15 estados brasileiros”; d) *Glossários terminológicos em Libras e Português* – que “inclui glossários de diferentes áreas de conhecimento disponibilizados por meio de um programa desenvolvido pela Universidade Federal de Santa Catarina” (QUADROS, 2016, p. 162).

Aqui, interessa-nos de perto o *Inventário de Libras de Santa Catarina Grande Florianópolis*, que, segundo Quadros (2016), se configura como um instrumento de identificação, reconhecimento, valorização e promoção da Língua Brasileira de Sinais⁷, abrangendo componentes linguísticos, socioculturais e políticos da Libras na comunidade surda. Em linhas gerais, a constituição do Inventário de Libras tem as seguintes metas:

a) um *corpus* de Libras representativo da região metropolitana de Florianópolis/SC, envolvendo registros em vídeo de situações eliciadas e espontâneas de uso, para ser utilizado em pesquisas e em outras finalidades aplicadas;

⁶ Quadros (2016) se apoia em Kaplan & Baldauf (1997)

⁷ O Inventário de Libras localiza-se no contexto do Inventário Nacional da Diversidade Linguística, do Departamento do Patrimônio Imaterial/IPHAN.

b) um conjunto de diretrizes para o registro e arquivamento de dados e metadados relativos ao uso da Libras a ser replicado em outros estados;

c) uma página online para acesso aos dados e metadados do inventário já concebido no sentido de incorporar dados de outros estados (QUADROS, 2018, p. 163).

O Inventário de Libras de Santa Catarina Região Metropolitana de Florianópolis apresenta diferentes produções e usos da Libras de 36 participantes surdos (obedecendo critérios de formação de grupos etários e diferentes composições de gênero), observando-se as seguintes condições para participação:

(a) ser natos do estado em que residem, ou residir nesses estados por pelo menos 10 anos; (b) ter adquirido a Libras em idade pré-escolar (até 7 anos de idade), ou no mínimo por mais de 7 anos (tempo de exposição à língua), ou com proficiência notória na comunidade; (c) a dupla deverá ser formada por pessoas íntimas entre si (amigos ou parentes), preferencialmente do mesmo gênero e faixa etária. Além disso, é importante que, dentre as 18 duplas a serem entrevistadas, o pesquisador local busque selecionar duplas com perfis variados, considerando critérios tais como: (d) surdos que representem aproximadamente 3 diferentes gerações, incluindo jovens (até 29 anos), adultos (entre 30 e 49 anos) e idosos (a partir de 50 anos); (e) surdos homens e mulheres; (f) surdos com diferentes graus de escolarização (ensino fundamental, ensino médio e ensino superior completo) (QUADROS, 2018, p. 165).

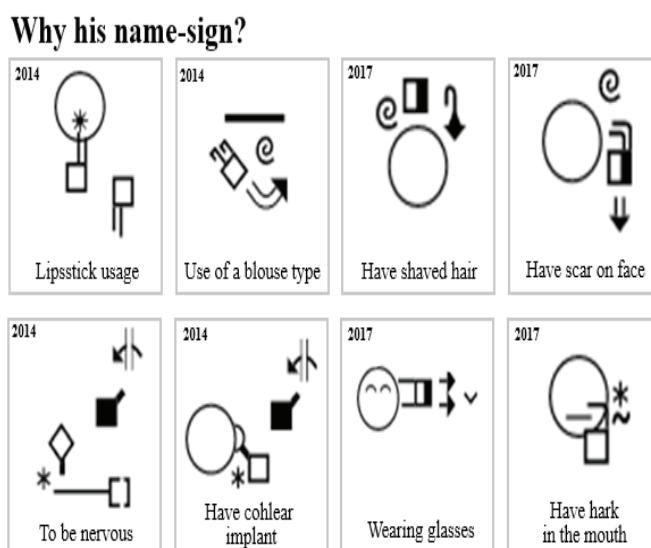
Os dados coletados encontram-se hospedados em página virtual no site da Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC: <http://www.corpuslibras.ufsc.br/inicio> Atualmente, os dados coletados estão sendo utilizados em várias pesquisas para descrição da Libras, para os contextos de educação de surdos e para as relações entre língua e cultura surda. Além disso, o Inventário está sendo desenvolvido em outros estados, como variantes da proposta matriz em Maceió-AL, Palmas-TO, Rio de Janeiro-RJ e o Distrito Federal.

Metodologia e Análise dos dados: taxonomias antroponímicas dos sinais nomes de Florianópolis

Para nosso estudo, selecionamos 34 entrevistas do *Inventário de Libras de Santa Catarina Grande Florianópolis*, dos três grupos etários: 18 - 29 anos; 30 a 49 anos; e > 50 anos; especificamente no trecho das entrevistas que constavam as seguintes perguntas: (1) *Qual é o seu nome?* (2) *Qual é o seu sinal-nome?* (3) *Por que este sinal-nome? (Why this sign?)*

Em seguida, procedemos à escrita de sinais em *SignWriting-SW* (<http://www.signwriting.org/brazil/>) (Figura 02), de todos os sinais-nomes, como forma de visualizar com maior clareza a composição dos itens destacados nas respostas dos informantes e os motivadores expressos por eles, como exemplificado na Figura 02. Posteriormente, organizamos os dados em ficha catalográfica antroponímica adaptada de Barros (2018) (Figura 3).

Figura 02: Registro escrito em SW das motivações dos sinais-nome de surdos, entrevistados nos anos de 2014 e 2017.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Figura 03: Ficha Catalográfica Antropônímica adaptada de Barros (2018).

Antropônimos em Libras – Sinais-Nomes da Grande Florianópolis

Nome em Português	Karine
Sinal-nome em Libras <i>SignWriting</i>	
Taxe	Aspecto Comportamental (AC)
Subtaxe	Hábito (<i>infrataxe</i> : vestuário)
Outras observações	Ano da entrevista: 2014. Grupo etário do informante: G1
Fonte	Id dado 322. http://www.corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/porprojeto/Invent%C3%A1rio%20Libras
Pesquisadores responsáveis	Alexandre Melo de Sousa Gláucia Caroline Silva de Oliveira José Sinésio Torres Gonçalves Filho
Data da coleta	02 de julho de 2019.

Fonte: Elaborada pelos autores.

Todos os sinais-nomes contidos no inventário da grande Florianópolis foram catalogados nas fichas, observando-se as *taxes*, as *subtaxes* e os grupos etários dos informantes. Identificamos, ainda, a identificação do dado (informação numérica) e o link para (<http://www.corpuslibras.ufsc.br/informacoesdoprojeto?lang=ptbr>) do referido inventário.

Em seguida, identificamos e distribuímos os sinais-nomes de acordo com as *taxes* propostas por Barros (2018). Assim como observado pela pesquisadora em sua pesquisa com os sinais-nome de Goiânia, em Florianópolis também houve combinação de mais de uma *taxe*. Na tabela 1 detalhamos a distribuição nas *taxes* dos respectivos grupos etários propostos no Inventário conforme a divisão de grupos etários G1, G2 e G3.

Tabela 01: Distribuição por *taxes* e grupos etários dos sinais-nomes registrados na grande Florianópolis-SC, Brasil.

TAXES	G1	G2	G3	TOTAL
ELO	00	00	00	00
AF	07	06	06	19
AC	03	00	03	06
AS	00	00	00	00
ELO + AF	02	00	00	02
ELO + AC	02	00	00	02
AF + AC	01	00	00	01
AF + AS	00	00	00	00
AC + AS	00	00	00	00
NS ¹	01	00	03	04
TOTAL	16	06	12	34

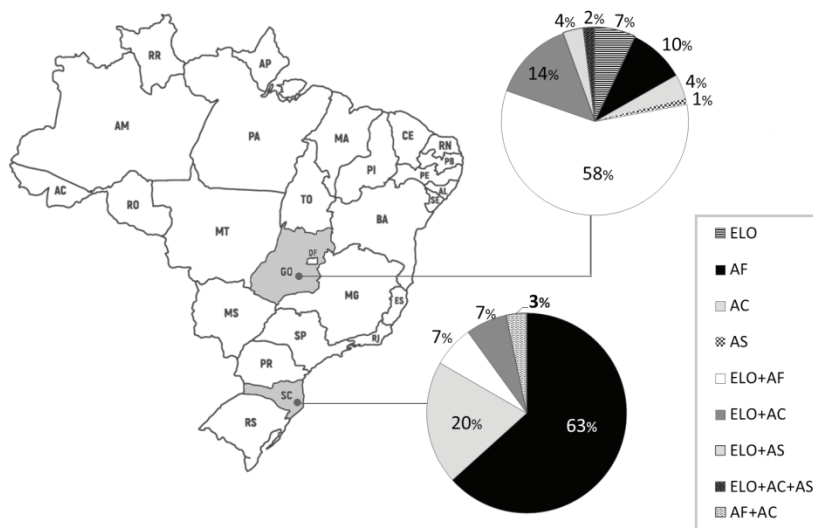
Fonte: Elaborada pelos autores.

Legenda: ELO- Empréstimo de Língua Oral. AF- Aspecto Físico. AC- Aspecto comportamental. AS- Aspecto Social. NS- Não souberam informar. G1- 18 - 29 anos; G2: 30 a 49 anos; e G3: > 50 anos.

No presente estudo registrou-se *taxes* isoladas e combinadas nos três grupos etários analisados, totalizando a ocorrência de cinco *taxes*, sendo duas isoladas (AF e AC) e três resultantes de combinação (ELO+AF; ELO+AC e AF+AC). As *taxes* isoladas se mostraram mais representativas desta população, sendo AF verificada nos três grupos etários e AC em dois grupos, G1 e G3. As *taxes* combinadas foram observadas somente na população mais jovem deste estudo, sendo representada pela combinação de duas *taxes*. É importante ressaltar que um informante do grupo etário G1 e três do G3 não souberam explicar por que receberam seus respectivos sinais-nomes.

Em uma análise comparativa entre os sinais-nomes da população de Goiânia (BARROS, 2018) e Florianópolis (presente estudo) verificamos uma notável diferença na representatividade e nos tipos de composição das *taxes* (Figura 03). Em Goiânia há maior representatividade com um registro de oito *taxes*, sendo quatro isoladas (ELO, AF, AC e AS) e quatro resultantes de combinação (ELO+AF, ELO+AC, ELO+AS, ELO+AC+AS). Percebemos que nas *taxes* combinadas há forte predominância de empréstimos da língua oral, o mesmo sendo encontrado em todas as combinações. Outro ponto interessante foi o registro da combinação de *taxes* (ELO+AC+AS), fato exclusivo desta população.

Figura 03: Distribuição das taxes registradas (em porcentagem) em duas populações brasileiras (Goiânia-GO e Florianópolis-SC).



Fonte: Elaborada pelos autores.

Legenda: ELO- Empréstimo de Língua Oral. AF- Aspecto Físico. AC- Aspecto comportamental. AS- Aspecto Social. Fonte: Elaboração dos próprios autores.

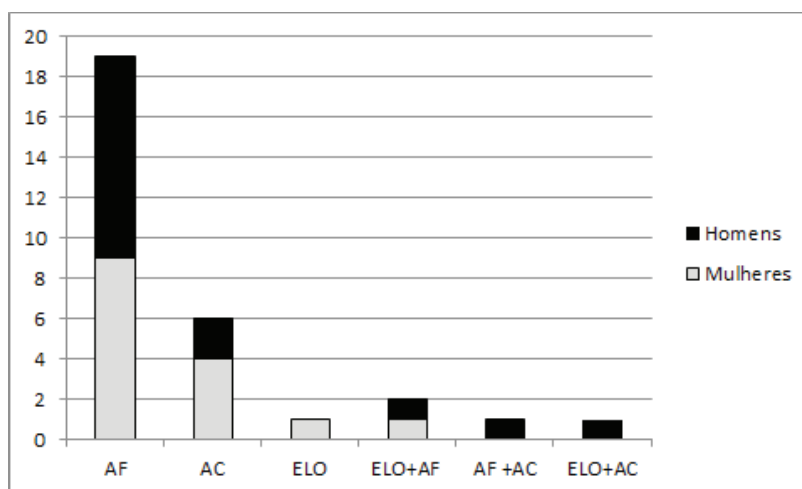
Quando analisamos a composição das taxes obtivemos resultados contrastantes entre as duas populações. A *taxe* ELO+ AF sendo responsável por 58% das motivações dos sinais-nome de Goiânia diferenciando acentuadamente de Florianópolis com 7%. Outro resultado marcante observamos com a *taxe* AF que apresentou 63% das motivações em Florianópolis e somente 10% em Goiânia.

Apesar dos contrastes, os resultados apresentam os aspectos físicos como um ponto importante das motivações dos sinais-nome nas duas populações estudadas. Podemos observar e comprovar isto, nas frequências apresentadas para a *taxe* AF: Goiânia, AF com 11 e ELO+AF com 66, e Florianópolis AF com 19; ELO+AF com 2 e AF+AC com 1). Tal resultado é uma evidência da importância da experiência visual do surdo para o ato de nomear.

Quando organizamos os dados por gênero observamos uma distribuição amostral equivalente, sendo 15 mulheres e 17 homens entrevistados, destes uma mulher e dois homens não souberam informar a motivação de seu sinal-nome. A população de surdos do sexo masculino apresentam os sinais-nomes com motivação mais diversificada que as mulheres, com distribuição em cinco taxes (AF, AC, ELO+AF, ELO+AC, AF+AC) e com maior número de *taxes* compostas. (Figura 04). Na população feminina registramos quatro *taxes* (AF, AC, ELO e ELO+AF), sendo a maioria das *taxes* únicas, com apenas uma resultante de combinação.

Apesar destas diferenças os resultados dos dois grupos evidenciou um ponto convergente, a preferência pelos aspectos físicos. A *taxe* AF para 60% das mulheres e 67% para os homens. Demonstrando que no ato de nomear os aspectos físicos é uma motivação relevante para esta população da grande Florianópolis e que este não possui relação de gênero.

Figura 04: Distribuição das taxes observadas entre homens e mulheres surdos na grande Florianópolis.



Fonte: Elaborada pelos autores.

Considerações Finais

O presente estudo teve por objetivo analisar os sinais-nome de surdos da grande Florianópolis quanto às taxonomias motivacionais propostas por Barros (2018) com relação a *taxes*, *subtaxes* e *infrataxes* para a análise dos sinais-nomes. Para isso, o ponto de partida foi a seguinte questão: em Libras, quais os elementos motivacionais mais utilizados no ato de nomear pessoas e de que modo isso reflete as características da cultura surda? Utilizamos 34 entrevistas com surdos disponíveis no *Inventário de Libras de Santa Catarina, Grande Florianópolis*, projeto Corpus/Libras da UFSC.

Como resultados, foi verificada a predominância de motivações de natureza física (AF) nas diferentes gerações e gêneros. Quanto às taxes combinadas, não houve predominância de nenhuma taxa.

Quando comparados os resultados de Florianópolis com os estudos empreendidos por Barros (2018) verificamos que a diversidade de taxa, em Florianópolis, é menor que de Goiás, mas isso pode ser um viés ocasionado pela diferença no número amostral.

Referências

BARROS, Mariângela Estelita. Taxonomia Antroponímica nas Línguas de Sinais – A Motivação dos Sinais-Nomes. *Revista RE-UNIR*, v. 5, nº 2, 2018, p. 40-62.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires; ISQUERDO, Aparecida Negri. **As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. 2. Ed. Campo Grande, MS: UFMS, 2001, p. 13-22.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Dimensões da palavra. In: **Filologia e linguística portuguesa**, n. 2, 1998, p. 81-118. Disponível em: http://dlcv.fflch.usp.br/files/Biderman1998_0.pdf. Acesso em: 10 jun. 2019.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. O nome próprio: significação e referência. In: **Estudoslinguísticos**. São Paulo: GEL, 2000.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **Toponímia e Antroponímia no Brasil**. Coletânea de Estudos. São Paulo, FFLCH/USP, 1990.

KAPLAN, Robert.; BALDAUF, Richard. **Language planning: From practice to theory**. Clevedon, England: Multilingual Matters, 1997.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira**. Estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, Ronice Müller de. Documentação da Língua Brasileira de Sinais. Produção e gestão do conhecimento sobre a diversidade linguística. **Seminário Ibero-americano de Diversidade Linguística**, 2016. Disponível em: https://dspace.unila.edu.br/bitstream/handle/123456789/3604/SIDL_%20160-177.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 25 jun 2019.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de.; ISQUERDO, Aparecida Negri. Onomastics in Different Perspectives: Research Results. In: **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 26, n. 3, p. 993-1000, 2018. Disponível em: http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/13700/pdf_1. Acesso em: 14 ago. 2019.

SOUSA, Alexandre Melo de; DARGEL, Ana Paula Tribesse Patrício. Onomástica: interdisciplinaridade e interfaces. **Revista GTLEX**, v. 3, n. 1, p. 7-22, 2020. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/GTLEX/article/view/53813>. Acesso em: 20 fev 2020.

SOUZA JÚNIOR, José Edinilson. **Nomeação de lugares na Língua de Sinais Brasileira: uma perspectiva de toponímia por sinais**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de Brasília - UnB, Brasília, 2012. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/11923>. Acesso em: 03 set 2018.

STOKOE, Willian; CASTERLINE, Dorothy; CRONEBERG, Carl. **A dictionary of American Sign Language on linguistic principles**. Washington, Gallaudet, 1965.

SUPALLA, Samuel James. **The book of name signs: naming in American Sign Language**. San Diego: DawnSignPress, 1992.

WILD, Mollie R. **Name signs in American Sign Language**. Monografia, SwarthmoreCollege, Swarthmore, 2017. Disponível em: <https://scholarship.tricolib.brynmawr.edu/handle/10066/19113>. Acesso em: 02 jun 2019.

Recebido em 29 de fevereiro de 2020.

Aceito em 25 de novembro de 2020.

(Footnotes)

1